

**PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE DA CNI,  
ROBSON BRAGA DE ANDRADE, POR OCASIÃO DA  
VISITA DA SECRETÁRIA DE ESTADO DOS EUA,  
HILLARY CLINTON. 16.04.2012.**

Senhoras e Senhores,

É com grande prazer que a Confederação Nacional da Indústria acolhe em sua casa todos os presentes, para juntos recebermos a honrosa visita da secretária de Estado dos Estados Unidos, HILLARY CLINTON.

Gostaria de manifestar, em nome do setor industrial brasileiro, a minha satisfação pela realização deste encontro, que ocorre apenas uma semana depois da visita

da Presidenta DILMA ROUSSEFF e de uma comitiva de empresários aos Estados Unidos.

Sem dúvida, este reencontro é uma clara evidência da atenção dada pelo governo dos Estados Unidos à indústria brasileira, da importância do fortalecimento das relações econômicas bilaterais e da continuidade da parceria entre os governos e as empresas de ambos os países.

Algumas conquistas relevantes para as empresas brasileiras foram alcançadas desde a vinda do presidente BARACK OBAMA ao Brasil, em março do ano passado.

Podemos destacar o fim da cobrança da tarifa específica à entrada do Etanol brasileiro no mercado norte-americano, a renovação do Sistema Geral de Preferências dos Estados Unidos até julho de 2013 e a queda da

imposição de direitos antidumping ao nosso suco de laranja.

Os dois países celebraram o Acordo de Cooperação Econômica (TECA) e assinaram o Memorando de Entendimento sobre Parceria em Aviação, que representam oportunidades reais de cooperação científica, comercial e de atração de investimentos bilaterais.

São conquistas que representam aumento das oportunidades de negócios e refletem o esforço conjunto dos governos e de entidades privadas, como a Câmara Americana de Comércio (AmCham), o Conselho Empresarial Brasil-Estados Unidos (Cebeu) e a Confederação Nacional da Indústria.

Sabemos da necessidade de ampliar e diversificar o comércio e os investimentos com os Estados Unidos.

Estamos certos de que o potencial da relação e dos ganhos para a indústria das duas maiores economias das Américas permite diversificação e avanços muito mais significativos.

Devemos perseguir uma agenda que inclui a adoção de medidas para desonerar os investimentos bilaterais, facilitar o movimento de pessoas, fomentar as alianças empresariais para explorar novas oportunidades de negócios, rediscutir barreiras não tarifárias e estimular a inovação.

No recente encontro entre o presidente BARACK OBAMA e a presidenta DILMA ROUSSEFF na Casa

Branca, as discussões estiveram centradas na cooperação em áreas nas quais Brasil e Estados Unidos apresentam grande potencial de integração. São exemplos os biocombustíveis, energia, defesa, aeroespacial e segurança alimentar, entre outros assuntos.

Senhoras e senhores,

A inovação e a promoção da competitividade da indústria são prioridades para o governo brasileiro e para a CNI. Também nessa área, há espaço para uma construtiva parceria entre Brasil e Estados Unidos.

São amplas as possibilidades de ação conjunta nos segmentos de educação, ciência e tecnologia, temas de crescente relevância na agenda da política industrial

brasileira e em recentes medidas de estímulo econômico adotadas nos Estados Unidos.

A identidade entre os programas de intercâmbio “*Ciência sem Fronteiras*” e “*100.000 nas Américas*” é prova da convergência dos interesses e da complementaridade dos dois países nesse campo.

Gostaria ainda de salientar a contínua e firme atuação do setor privado brasileiro na melhora do ambiente de defesa da propriedade intelectual no país.

Articulada pela CNI, a Mobilização Empresarial pela Inovação, a MEI, tem trabalhado em estrita consonância com o governo brasileiro, avançando na criação de mecanismos transparentes e ágeis para a efetiva proteção

das empresas que aqui investirem em pesquisa e desenvolvimento de novos produtos.

As empresas dos Estados Unidos ou de qualquer outro país do mundo encontram no Brasil uma nação que respeita os direitos de propriedade intelectual e fomenta a inovação.

Em outras áreas de cooperação entre Brasil e Estados Unidos, muito ainda pode ser feito.

A celebração de um acordo para evitar a bitributação continuará entre nossas prioridades. A bitributação onera as empresas e desvia investimentos e comércio para terceiros países.

As oportunidades de investimentos de empresas norte-americanas no Brasil são infinitas, em especial no campo da infraestrutura.

Os projetos em petróleo e gás, por exemplo, vão demandar mais de 225 bilhões de dólares nos próximos anos. Nossos portos estão sendo expandidos e nossos aeroportos, concedidos à iniciativa privada.

Seis hidrelétricas estão sendo construídas, assim como complexos hoteleiros em diversas capitais, com vistas à realização da Copa do Mundo de 2014.

O Brasil recebe de braços abertos o capital produtivo norte-americano, principalmente o que chega para formar alianças estratégicas com o intuito de promover a

competitividade, desenvolver tecnologia e adensar cadeias produtivas.

Senhoras e senhores,

Nesta ocasião, não posso perder a oportunidade de ressaltar o esforço do Conselho Empresarial Brasil-Estados Unidos na ampliação do diálogo e na coordenação de ações dos setores privados nas duas nações. Esse trabalho contínuo tem proporcionado excelentes resultados.

A facilitação do fluxo de pessoas a negócios ou a turismo, o incremento do comércio, o crescimento dos investimentos e um tratamento tributário mais equânime fazem parte da agenda estratégica do Conselho e merecem nosso apoio.

Ao encerrar, reitero a necessidade de um trabalho conjunto entre governo e setor privado dos dois países na implementação das ações que foram objeto de acordo nas visitas dos chefes de Estado.

Temos o desafio de transformar essas iniciativas em realidade. E é com esse espírito que convido a todos para dar as boas vindas à Secretária de Estado HILLARY CLINTON.

Muito obrigado.